

PESQUISA & DESENVOLVIMENTO

Fundep apoia 4 mil projetos por ano

Nas últimas quatro décadas, Fundação se transformou na maior instituição com as suas atribuições no Brasil

DANIELA MACIEL

Criada em 1975 para apoiar as atividades de pesquisa, ensino, extensão e desenvolvimento da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (Fundep) se transformou, nas últimas quatro décadas, na maior instituição com as suas atribuições no Brasil.

Naquela época, quando o papel das universidades estava sendo redefinido, a Fundep nasceu para dar autonomia aos pesquisadores. De acordo com o diretor de Desenvolvimento Institucional da Fundep, Pedro Guatimosim Vidigal, livrar os pesquisadores de tantos entraves burocráticos e atividades administrativas para que eles se dediquem exclusivamente à geração de conhecimentos é fundamental para o desenvolvimento científico do País.

“Sabemos que o sistema público de compras, aquisições e contratações é complicado e que a maioria dos pesquisadores não tem tempo nem habilidade para lidar com ele. O principal trabalho da Fundep é exatamente descomplicar. Fazemos a gestão administrativo-financeira de projetos, oferecendo soluções nas áreas contábil,

de pessoal, auditoria, prestação de contas, assessoria jurídica, compras, importação e captação”, explica Vidigal.

O recurso recebido do financiador vai para a Fundep, que abre uma conta específica para o projeto. À medida que o pesquisador solicita o que foi previsto no projeto — compras, pessoas, diárias, por exemplo —, a Fundep providencia. A Fundação se mantém com um percentual desse recurso. São cerca de 4 mil projetos apoiados anualmente, em um total de mais de R\$ 600 milhões em recursos geridos.

Para atuar no mercado, a Fundep é reconhecida como fundação de apoio pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). “Com o tempo, a competência adquirida em gestão de projetos da UFMG foi demandada por parceiros externos e, com permissão da legislação, às fundações de apoio foi permitido atuar sem exclusividade com os seus respectivos Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes). Esse fato levou a Fundep a buscar a autorização do MEC/MCTI para apoiar também outras instituições”, afirma o diretor de desenvolvimento institucional da Fundep.

Parcerias — Em 2009, a Fundep se tornou a fundação de apoio da

Universidade Federal do ABC (UFABC) e, no ano seguinte, do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), do Instituto de Estudos Avançados da Aeronáutica (IEAv) e do Instituto de Fomento e Coordenação Industrial (IFI). Em 2012, conquistou autorização para ser uma das fundações de apoio também do Instituto Nacional de Tecnologia (INT), da Comissão Nacional de Energia Nuclear (Cnen), do Instituto de Aeronáutica e Espaço (IAE), do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), do Observatório Nacional (ON), do Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste (Cetene) e do Centro de Desenvolvimento de Sistemas (CDS), instituto de pesquisa do Exército e, em 2013, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e do Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) da Marinha do Brasil.

“Depois da Lei de Inovação de 2004, vários editais, várias linhas de fomento e mesmo

empresas tem buscado parcerias com a universidade no sentido de inovar e desenvolver novas tecnologias. Aí entra a Fundep com dois papéis. Captar empresas, porque temos contatos, e fazer a gestão desse tipo de projeto. Nesse caso, em lugar de ter um órgão financiador que vai depositar o recurso, será uma empresa que fará o depósito. Na maioria das vezes é o próprio pesquisador que busca a empresa ou ao contrário e aí eles trazem o projeto para a universidade”, destaca o executivo.

Para as empresas, a Fundep faz com que elas não precisem criar setores específicos ou desviar a atenção de sua atividade-fim para fazer a gestão dos projetos. Além da gestão, a Fundação também gera os relatórios financeiros requisitados pelo financiador.



Vidigal: apoio a pesquisadores



Fundep: 4 mil projetos apoiados por ano, em um total de mais de R\$ 600 mi em recursos geridos

Área de importação tem grande demanda

Ao longo do tempo, a Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (Fundep) foi criando funcionalidades. Atualmente a mais importante é a ferramenta de gestão própria “Espaço do Coordenador”. Nele o pesquisador pode acompanhar e fazer todos os pedidos remotamente. Dessa forma, não precisa retornar de uma atividade de campo, por exemplo, para dar continuidade a um processo de compra. No Espaço também pode estabelecer níveis hierárquicos de aprovação, designando auxiliares que podem tomar decisões até certo patamar. O mecanismo é muito útil para aqueles que comandam mais de um projeto, tem equipes muito grandes ou fazem pesquisa em rede.

Segundo o diretor de Desenvolvimento Institucional da Fundep, Pedro Guatimosim Vidigal, entre os setores da Fundep mais demandados, o de importação chama atenção. Pesquisadores individualmente podem contratar esse serviço. “Essa é uma área que cresce muito porque a importação tem trâmites complicados e a pesquisa não pode

parar por causa de entraves burocráticos. Uma pesquisa que precisa de uma cobaia, por exemplo, pode se invalidar com a demora. Chega a ser engraçado pensar que uma instituição de apoio em Minas Gerais importou um navio, mas já aconteceu. Era um navio de pesquisa importado para a Marinha”, exemplifica Vidigal.

Cerca de 50% do total de número de projetos são financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Por isso foi criada uma gerência exclusiva para os projetos provenientes da instituição. “Criamos um diálogo muito bom com a Fapemig. Quando renovaram o seu manual de projetos tivemos uma participação intensa. Um lado muito interessante é através dela recebemos um bom número de pesquisadores iniciantes. É uma porta muito importante de renovação”, avalia o diretor de Desenvolvimento Institucional da Fundep.

Comunidade — Duas áreas importantes e, talvez, as mais

conhecidas do público geral, são gestão de concursos para instituições públicas e privadas e a gestão de extensões universitárias com cursos que atendem também a comunidade externa. No caso dos concursos realizamos vestibulares de instituições privadas e concursos para instituições como Tribunal de Contas do Estado (TCE), Tribunal de Justiça (TJ), residência médica da Santa Casa, Copasa, entre muitos outros.

“Nossa banca é formada por professores da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e temos todos os requisitos de segurança. Os cursos que aproximam os alunos da Universidade e também da comunidade externa, assim como os cursos de línguas na Faculdade de Letras e extensões nas diferentes faculdades. Outra face importante e pouco conhecida é que fazemos a gestão administrativo-financeira do Hospital Risoleta Tolentino Neves (Pronto Socorro na região de Venda Nova, na Capital)”, destaca o gestor. (DM)

Fundepar investe até R\$ 1 mi em empresas originárias da UFMG

Mantendo o DNA de inovação que caracterizou seu surgimento na década de 1970, há dois anos a Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (Fundep) criou a Fundep Participações S/A (Fundepar). A ideia era ter um braço que pudesse investir diretamente em empresas que se originassem dentro da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Sem precedentes na história do Brasil, a nova empresa — de acordo com o diretor de Desenvolvimento Institucional da Fundep, Pedro Guatimosim Vidigal — precisou passar por aprovações do Ministério Público (MP) e da Curadoria das Fundações para começar a atuar. “Fomos pioneiros e, por enquanto, únicos no Brasil. Precisamos trabalhar intensamente sobre a legislação para fazer com que uma entidade sem fins lucrativos pudesse investir”, relembra Vidigal.

De acordo com a Lei das Fundações todas elas precisam ter uma reserva capaz de garantir seu funcionamento, caso todas as

fontes de financiamento sejam extintas, pelo menos até a entrega de todos as demandas contratadas e pagamento de todos as dívidas e encargos pendentes. A legislação também diz que esse recurso deve estar investido, mas não diz a modalidade desse investimento. Foi daí que surgiu o recurso para a criação da Fundepar.

“A ideia foi pegar parte desse recurso e aplicar nas empresas selecionadas. Já temos quatro empresas investidas entre mais de 300 avaliadas. A Fundepar aporta recursos de até R\$ 500 mil em uma primeira rodada e depois pode investir até mais R\$ 500 mil. Assim nos tornamos sócios da empresa — geralmente minoritários —, mas com algum poder de decisão. Esse percentual de participação é acordado caso a caso. Também indicamos um diretor administrativo-financeiro para essas empresas”, explica Vidigal.

As investidas até agora são: Myleus Biotecnologia, que é a primeira empresa brasileira a

atuar na área de análises genéticas para certificação de produtos de origem animal e vegetal; a Zunnit, especializada em ferramentas de segmentação, análise do comportamento de usuários e *deep learning*; e a mais recente, Detechta, empresa de base tecnológica voltada à pesquisa e desenvolvimento para a indústria de vacinas e de diagnóstico *in vitro*, tanto para o mercado humano quanto para o animal.

Completa o time a Techmall, cujo foco é promover a aceleração do desenvolvimento de *startups* de base tecnológica arrojada. É uma aceleradora de empresas que auxilia os empreendedores que saíram da incubadora, fizeram o primeiro produto e agora precisam sair do piloto para a fase de produção.

“A Fundep tenta, de certa forma, inovar. A questão da Fundepar foi isso. Todo mundo fala que tem que levar a tecnologia da universidade para as empresas, mas como faz isso? Acharmos que a Fundepar seria esse caminho e

já vimos que precisamos de mais. Aí veio a aceleradora. Há um *gap* para a tecnologia chegar às empresas. Isso acontece no mundo inteiro. Precisamos de um instrumento que leve essa tecnologia a quem interessa”, destaca.

Ao contrário do que acontece nos Estados Unidos, no Brasil a maioria dos pesquisadores está nas universidades e não nas empresas. A tradição ainda gera resistência dentro das universidades quanto à transferência de conhecimento para a iniciativa privada. “Temos que discutir, fomentar. Formamos pessoas mas também podemos ajudar no desenvolvimento econômico do País. Vivemos na era da economia do conhecimento e não podemos nos furtar a isso. Universidades e empresas têm objetivos diferentes mas interfaces em comum. Uma pode ajudar à outra desde que conversem, que façam um acordo e respeitem suas características e necessidades. Tudo acordado e acompanhado dá certo”, completa. (DM)